



A história de Dona Isabel e a diversidade do seu quintal produtivo

A trajetória de Dona Isabel, de 56 anos, é um verdadeiro exemplo de resistência e amor à terra. Tudo começou em 1994, quando ela, o marido e três de seus cinco filhos deixaram o povoado de São José, no município de Coribe, na Bahia, para se estabelecer definitivamente em um novo lote, no Assentamento Colônia do Formoso. Com muito esforço, o casal, que sempre trabalhou na roça, passou a cultivar milho, mandioca e cana-de-açúcar. Hoje, o quintal é marcado por uma rica diversidade de produção.

No entanto, o caminho até a abundância atual foi marcado por um grande desafio: a escassez de água. No início, a família dependia de água não tratada da rede pública, o que gerava altos custos e dificultava o cuidado com os animais e as plantações. A mudança começou por meio do movimento de mulheres e de um projeto de avicultura, quando conseguiram uma cisterna comunitária. Por volta de 2015, através do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), Isabel recebeu a cisterna de consumo, garantindo água da chuva de qualidade para beber.



Essa conquista trouxe mais saúde para a família e permitiu que a água encanada fosse utilizada apenas nas atividades domésticas. As melhorias continuaram e, em 2016, veio a chamada “segunda água”: um barreiro trincheira, que possibilitou intensificar a produção do quintal.

Com a segurança hídrica e o apoio de projetos como o PAIS (Produção Agroecológica Integrada e Sustentável), a propriedade floresceu. O trabalho diário é dividido: o marido fica responsável pelo roçado mais pesado, cuidando do milho, feijão, mandioca, cana e banana; enquanto Isabel dedica-se ao trabalho doméstico e ao cuidado com o quintal, as plantas medicinais e as hortas, onde cultiva cebola, alho, coentro, cenoura, beterraba, pepino, abóbora, pimentão e quiabo. E juntos, mantêm ainda a criação de galinhas, porcos e gado.



A mandioca é um dos principais alimentos que garantem o sustento da casa, transformada em farinha e tapioca tanto para o consumo da família quanto para a geração de renda nas épocas de colheita. Neste ano, inclusive, a família se inscreveu para fornecer mandioca ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

O grande diferencial do trabalho de Isabel é seu firme compromisso com a agroecologia. Toda a produção é realizada sem o uso de agrotóxicos, baseada no cultivo de sementes crioulas que a própria família guarda, multiplica e troca em feiras comunitárias. Como ela mesma afirma: “O natural é melhor porque a gente já tem certeza que vai dar resultado. A nossa semente verdadeira se multiplica, além de ser natural e produtiva, preza a qualidade de vida da minha família.”

Toda essa infraestrutura hídrica e produtiva é resultado de muita mobilização política e social. Isabel relata que sempre participou de reuniões e lutas ao lado de organizações da região, como o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), o MMUC (Movimento de Mulheres Unidas na Caminhada) e a associação comunitária local, que contribuíram significativamente para as conquistas alcançadas.

Apesar de todos os avanços, Isabel reconhece que a rotina no campo não é fácil. O trabalho exige presença diária, atenção constante e grande esforço físico. Atualmente, ela relata que o maior desafio é a falta de mão de obra, já que os filhos cresceram, foram estudar e seguiram outros caminhos, não permanecendo na roça. Mesmo diante do cansaço e da idade, Isabel não desanima. Seu grande sonho é continuar aprimorando a produção natural, tornando-a cada vez mais saudável e sustentável, provando que é possível viver da terra com zelo, respeito e amor pelo que se faz.

